

Gálatas 2

Gálatas 2:1-10 - Um único evangelho

Gálatas 2:1-2 Catorze anos depois, subi outra vez a Jerusalém com Barnabé, levando também a Tito. Subi em obediência a uma revelação; e lhes expus o evangelho que prego entre os gentios, mas em particular aos que pareciam de maior influência, para, de algum modo, não correr ou ter corrido em vão.

O que envenenava a vida e o ministério de Paulo era a atividade dos falsos mestres. Onde quer que ele fosse, eles acompanhavam os seus passos.

Tão logo ele implantava o evangelho em alguma localidade, os falsos mestres começavam a perturbar a igreja, pervertendo-a.

Além disso, como já vimos, a fim de desacreditar a mensagem de Paulo, também desafiavam a autoridade dele.

Este é um assunto que nos interessa, pois os acusadores de Paulo têm seus sucessores na igreja cristã da atualidade. Eles nos dizem que não devemos dar muita atenção às obras dele. Esquecem ou negam que Paulo seja um apóstolo de Jesus Cristo, chamado de maneira especial, comissionado, autorizado e inspirado para ensinar em nome dele. Ignoram as reivindicações do próprio Paulo, isto é, que ele recebeu o seu evangelho de Jesus Cristo, e não dos homens.

Uma das formas usadas por alguns falsos mestres do tempo de Paulo para tentar diminuir a sua autoridade, era dando a entender que o seu evangelho era diferente do evangelho de Pedro, e até mesmo diferente da opinião de todos os outros apóstolos em Jerusalém. "Como resultado disso", diziam, "a igreja está sendo sobrecarregada com dois evangelhos, o de Paulo e o de Pedro, ambos reivindicando origem divina. Qual deles vamos aceitar?"

"Certamente", prosseguiam, "não podemos seguir a Paulo se ele constitui a minoria já que Pedro e o restante dos apóstolos discordam dele".

Eles estavam tentando romper a unidade do círculo apostólico, ao alegarem abertamente que os apóstolos se contradiziam. Seu jogo, poderíamos dizer, não era denegrir a Pedro para exaltar a Paulo, e sim exaltar a Pedro para irritar a Paulo! Agora o próprio Paulo responde a esta insinuação.

No capítulo primeiro ele mostrou que o seu evangelho vinha de Deus e não dos homens.

Agora, na primeira parte do capítulo 2, ele mostra que o seu evangelho é precisamente o mesmo dos outros apóstolos; não é diferente.

A fim de provar que o seu evangelho é idêntico ao evangelho deles, agora ele diz que, ao fazer a visita a Jerusalém, o seu evangelho fora endossado e aprovado pelos demais.

Vamos considerar as circunstâncias desta visita a Jerusalém, Versículos 1 e 2: Catorze anos depois, subi outra vez a Jerusalém com Barnabé, levando também a

Tito. Subi em obediência a uma revelação; e lhes expus o evangelho que prego entre os gentios, mas em particular aos que pareciam de maior influência, para de algum modo não correr, ou ter corrido, em vão.

Esta foi a sua segunda visita ("subi outra vez") e ocorreu "catorze anos depois" (provavelmente a partir de sua conversão, não de sua primeira visita). Nesta visita temos dois aspectos importantes, isto é, seus companheiros e a sua mensagem.

Primeiro, seus companheiros: Barnabé e Tito. O que é particularmente notável nisso é que Barnabé era judeu (embora estivesse associado com Paulo em sua missão aos gentios em Antioquia e, mais tarde, na primeira viagem missionária), enquanto que Tito era grego. Isto é, Tito era um gentio não circuncidado, um produto daquela mesma missão gentia que estava então em discussão e que os judaizantes estavam pondo em dúvida.

Segundo, o seu evangelho. O evangelho de Paulo, que ele pregava aos gentios, era agora apresentado aos outros apóstolos. Não que ele tivesse ido a Jerusalém por esse motivo. A razão era outra. Ele fora "em obediência a uma revelação", declara (versículo 2). Isto é, ele foi porque Deus mandou, não porque os apóstolos em Jerusalém o mandassem chamar para lhes prestar contas. (Qual foi esta revelação não sabemos, mas a referência pode ser à profecia de Ágabo acerca de uma fome, em resultado da qual Paulo e Barnabé foram enviados a Jerusalém com a missão de levar ajuda. Atos 11:27-30.) Também é verdade que o encontro de Paulo com os outros apóstolos foi um negócio rápido e particular.

Não foi de maneira alguma uma conferência oficial ou um "sínodo".

Não obstante, embora não fosse o propósito de sua visita a Jerusalém nem um negócio oficial, essa consulta aconteceu. Nela Paulo "expôs" diante dos apóstolos em Jerusalém o evangelho que estava pregando aos gentios, e diz que o fez "para de algum modo não correr, ou ter corrido, em vão". Podemos estar certos de que ele particularmente não tinha a menor dúvida ou receio acerca do seu evangelho, nem precisava de confirmação alguma dos outros apóstolos em Jerusalém, pois já pregava esse evangelho há catorze anos. O fez, no entanto, para que o seu ministério, passado e presente, não fosse tornado infrutífero pelos judaizantes.

Foi para acabar com a influência deles, e não para fortalecer a sua própria convicção, que ele expôs o seu evangelho diante dos apóstolos em Jerusalém.

Estes foram os dois aspectos vitais de sua visita. Ele levou consigo a Jerusalém um companheiro gentio e um evangelho gentio.

Foi uma situação tensa e crucial, uma ocasião cheia de grandes perigos e igualmente grandes possibilidades para a subsequente história da igreja cristã.

Como reagiriam os apóstolos em Jerusalém ao companheiro gentio de Paulo e à sua missão gentia? Receberiam Tito como um irmão ou o repudiariam por não ser circuncidado? Endossariam o evangelho de Paulo ou tentariam modificá-lo de alguma forma? Essas eram as perguntas que eles levaram consigo.

Por trás delas, a questão fundamental: a liberdade com a qual Cristo nos libertou seria mantida? Ou seria a igreja condenada à servidão e à esterilidade?

Teriam os judaizantes algum fundamento para os rumores que espalhavam acerca de uma brecha entre as fileiras dos apóstolos?

Paulo conta a seus leitores o que aconteceu naquela reunião memorável.

Seu companheiro gentio, Tito, não foi obrigado a circuncidar-se (versículos 3-5), nem o seu evangelho gentio foi contrariado ou sequer modificado (versículos 6-10). Pelo contrário, Tito foi aceito, como também o evangelho de Paulo. Assim, uma grande e ressoante vitória foi ganha para a verdade do evangelho.

A brecha nas fileiras apostólicas era um mito: não tinha razão de ser.

Tendo apresentado a parte principal do seu argumento nestes versículos, devemos agora examiná-los mais detalhadamente.

1. O Companheiro de Paulo (vs. 3-5)

Gálatas 2:3-5 Contudo, nem mesmo Tito, que estava comigo, sendo grego, foi constrangido a circuncidar-se. E isto por causa dos falsos irmãos que se entremeteram com o fim de espreitar a nossa liberdade que temos em Cristo Jesus e reduzir-nos à escravidão; aos quais nem ainda por uma hora nos submetemos, para que a verdade do evangelho permanecesse entre vós.

É claro que foi uma atitude ousada a de Paulo, ao levar Tito consigo.

Introduzir um gentio no quartel-general da igreja em Jerusalém poderia ter sido interpretado como um ato deliberado de provocação. E, até certo ponto, provavelmente o foi, embora o objetivo de Paulo não fosse a provocação.

Não foi com a intenção de despertar atritos que ele levou Tito a Jerusalém, mas para estabelecer a verdade do evangelho: que judeus e gentios são aceitos por Deus nos mesmos termos, a saber, a fé em Jesus Cristo, e, portanto, todos devem ser aceitos pela igreja sem nenhuma discriminação.

Essa era a questão. E, na ocasião, o ponto foi destacado e a verdade estabelecida: "Contudo, nem mesmo Tito,... sendo grego, foi constrangido a circuncidar-se." Não obstante, a vitória não foi alcançada sem luta, pois houve uma forte pressão para que Paulo circuncidasse Tito. Isto veio da parte dos "falsos irmãos". Essas pessoas eram irmãos, isto é, cristãos nominais; mas eram falsos irmãos, judeus na realidade. Quase com toda certeza eram judaizantes, e Paulo tem algumas palavras duras para dizer acerca deles. Eram intrusos (BJ) "espiões" (BLH).

Isto pode significar que nada tinham a ver com a comunhão da igreja, ou que eram "penetras" na conferência particular com os apóstolos. A Bíblia de Jerusalém diz que eles eram "intrusos... que se intrometeram". Seja qual for o caso, na opinião de Paulo eram espiões. Eles "se intrometeram com o fim de espreitar a nossa liberdade que temos em Cristo Jesus, e reduzir-nos à escravidão", Particularmente, insistiram em que Tito fosse circuncidado. Sabemos que esta era a plataforma do partido judaizante, pois o seu slogan era:

Atos 15:1 Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos.

Paulo percebeu o artil claramente. Não era uma simples questão de circuncisão ou incircuncisão, de costume gentio ou judeu.

Era um assunto de importância fundamental referente à verdade do evangelho, isto é, de liberdade cristã versus escravidão. O cristão foi liberto da lei no sentido de que a sua aceitação diante de Deus dependa inteiramente da graça de Deus na morte de Jesus Cristo aceita pela fé.

Introduzir obras da lei e fazer a nossa aceitação depender de nossa obediência a regras e regulamentos era fazer o homem livre retroceder para a escravidão.

Neste princípio Tito era um teste. Era verdade que ele era um gentio incircunciso, mas era também um cristão convertido.

Tendo crido em Jesus, fora aceito por Deus em Cristo, e isso, dizia Paulo, era suficiente. Nada mais era necessário para a sua salvação, como o confirmou mais tarde o Concílio de Jerusalém (veja Atos 15).

Assim, Paulo permaneceu firme. "A verdade do evangelho" estava em jogo, e ele estava determinado a mantê-la a todo custo. Ele resistiu à pressão dos judaizantes e os apóstolos não obrigaram Tito a circuncidar-se. "Aos quais (isto é, aos falsos irmãos) nem ainda por uma hora nos submetemos" (versículo 5).

2. O Evangelho de Paulo (vs. 6-9a)

Conforme já vimos, Paulo teve uma entrevista particular com os apóstolos de Jerusalém (versículo 2). Esses homens, diante dos quais ele expôs o seu evangelho, nós sabemos quem são, pois ele os identifica pelos nomes mais adiante, no versículo 9. Eram Tiago, o irmão do Senhor, Pedro e João. Contudo, em outros versículos deste parágrafo Paulo usa expressões indiretas para descrevê-los. Eles eram "os líderes da igreja" (versículo 2, BLH), "os que pareciam ser de maior influência" (versículo 6) e os "que eram reputados colunas" (versículo 9). Em cada caso Paulo faz, alusão à reputação deles. Ele não está sendo depreciativo, pois já os reconheceu em Gálatas 1:17 como sendo "os que já eram apóstolos antes de mim"; e ele nos diz no versículo 9 que "me estenderam... a destra de comunhão". Por que, então, refere-se a eles desta maneira indireta?

Provavelmente a sua expressão foi influenciada pelo fato de os judaizantes exagerarem o status dos apóstolos de Jerusalém às custas do seu próprio.

Talvez os falsos irmãos estivessem chamando atenção para o que eles consideravam como qualificações de Tiago, Pedro e João: que Tiago era um dos irmãos do Senhor, e que Pedro e João pertenciam ao círculo íntimo dos três. Além disso, estes haviam conhecido Jesus nos dias da sua carne, o que provavelmente não acontecera com Paulo.

As palavras de Paulo não são uma negação da autoridade apostólica deles, nem uma indicação de desrespeito. Ele simplesmente está dizendo que, embora aceite o

seu posto de apóstolos, não se sente intimidado por suas pessoas, como acontecia com os judaizantes.

3. O Resultado da Consulta (vs. 9b, 10)

Aqui, então, Paulo está expondo o seu evangelho aos apóstolos de Jerusalém.

Qual foi o resultado desta reunião? Eles se opuseram ao seu evangelho?

Eles o modificaram, criticaram, retocaram ou suplementaram?

Não. Paulo menciona dois resultados, um negativo e outro positivo.

O resultado negativo se encontra no final do versículo 6: nada me acrescentaram.

Em outras palavras, eles não acharam que o evangelho de Paulo fosse deficiente.

Não tentaram acrescentar-lhe a circuncisão nem o embelezaram de alguma outra

forma. Eles não disseram a Paulo: "O seu evangelho está correto, mas falta-lhe

uma coisa; é preciso acrescentá-la," Na verdade, eles nada mudaram. De maneira

significativa, Paulo descreve o evangelho que ele expôs aos apóstolos como sendo

"o evangelho que prego" (tempo presente).

É como se escrevesse: "O evangelho que submeti aos outros apóstolos é o

evangelho que continuo pregando. O evangelho que estou pregando atualmente

não foi alterado por eles. É o mesmo que eu pregava antes de falar com eles.

É o evangelho que preguei a vocês e que vocês aceitaram.

Eu nada acrescentei, nada subtraí, não alterei nada.

Vocês, Gálatas, é que estão abandonando o evangelho; eu, não.

" Este foi, então, o resultado negativo: eles "nada me acrescentaram".

O resultado positivo da consulta foi que eles me estenderam... a destra de

comunhão (versículo 9). Reconheceram que eles e Paulo haviam recebido a

responsabilidade de pregar o mesmo evangelho.

A única diferença entre eles era que haviam sido designados para pregar em

esferas diferentes.

Ela se refere ao "evangelho da incircuncisão" e ao "evangelho da circuncisão",

como se fossem dois evangelhos diferentes, um para os gentios e outro para os

judeus.

Deus, na sua graça, estava operando através de ambos, Pedro e Paulo (versículos

8 e 9). Por isso estenderam a Paulo a destra da comunhão, o que significa que eles

"aceitaram a mim e a Barnabé como sócios, e apertaram nossas mãos".

Eles simplesmente reconheceram que era preciso que nós fôssemos para os

gentios e eles para a circuncisão (versículo 9).

Acrescentaram ainda que desejavam que Paulo e Barnabé se lembrassem dos

pobres, das igrejas que estavam passando necessidade, o que, diz Paulo, ele

"estava ansioso por fazer" (versículo 10).

Na verdade, foi principalmente por causa dessa fome que ele e Barnabé foram a

Jerusalém naquela ocasião, conforme já vimos. E ele continuou cuidando dos

pobres nos anos seguintes, organizando suas famosas coletas.

Paulo insistia com as igrejas gentias mais ricas da Macedônia e da Acaia para que sustentassem as igrejas pobres da Judéia, e considerava suas ofertas como um meio de incrementar e demonstrar a solidariedade entre judeus e gentios na comunhão da igreja cristã.

Examinando de novo o primeiro parágrafo de Gálatas 2, aprende-mos que, na sua segunda visita a Jerusalém, Paulo encontrou-se com dois grupos de homens, cujas atitudes para com ele diferiam completamente.

Os "falsos irmãos", que discordavam do seu evangelho e seu sistema, tentaram obrigar Tito a circuncidar-se; Paulo recusou-se a se lhes submeter.

Os apóstolos, por outro lado, reconheceram a verdade do evangelho de Paulo e apertaram-lhe a mão com aprovação.

Conclusão

Algumas pessoas já devem estar ficando impacientes. Para elas, tudo isso talvez não passe de um complicado amontoado de palavras. Uma visita de Paulo a Jerusalém no primeiro século d.C, a questão de Tito ser ou não circuncidado, uma consulta entre Paulo e os apóstolos de Jerusalém - tudo isso parece muito distante e completamente sem relação com os problemas do século vinte.

Mas não é verdade.

Pelo menos dois princípios de máxima importância surgem neste parágrafo.

a. A verdade do evangelho é única e imutável

Vimos, ao considerarmos Gálatas 1:6-10, que existe um único evangelho.

Podemos agora concluir e dizer que todo o Novo Testamento apresenta este evangelho único de maneira consistente. Está na moda, em alguns setores, falar em evangelho "paulino", evangelho "petrino" ou evangelho "joanino", como se fossem totalmente diferentes um do outro.

Há pessoas que se referem a "paulinismo" como se fosse uma marca distinta do Cristianismo, ou até mesmo uma religião totalmente diferente. E, às vezes, há quem coloque Paulo e Tiago um contra o outro como se eles se contradissem.

Mas tudo isto é um erro. Os apóstolos de Jesus Cristo não se contradizem no Novo Testamento. Certamente, há diferenças de estilo entre eles, porque Sua inspiração não alterou sua personalidade individual.

Há também diferenças de ênfase, porque foram chamados para diferentes esferas e pregaram ou escreveram a diferentes públicos. Por exemplo, os evangelhos.

- Mateus – judeus;
- Marcos – cristãos em Roma;
- Lucas – Gentios, em especial gregos;
- João – novos convertidos e pessoas que ainda não se tornaram cristãs e viviam no ambiente judaico influenciado pelo gnosticismo.

Mas eles se complementam. Há um único evangelho, a fé apostólica, um corpo reconhecível de doutrinas ensinadas pelos apóstolos de Jesus Cristo e preservadas para nós no Novo Testamento.

Nesta passagem Paulo esforça-se para mostrar que ele está de pleno acordo com os apóstolos de Jerusalém, e estes com ele.

O mesmo ele fez em **1 Coríntios 15:11**.

E assim continua sendo até hoje. Se há um único evangelho no Novo Testamento, há um único evangelho para a igreja. O evangelho não mudou com o passar dos séculos. Seja pregado a jovens ou a velhos, no Leste ou no Oeste, a judeus ou a gentios, a pessoas cultas ou a ignorantes, a cientistas ou a leigos, embora a sua apresentação possa variar, a substância continua sendo a mesma.

Paulo e Pedro tiveram diferentes comissionamentos, mas uma mensagem comum.

b. A verdade do evangelho deve ser mantida

Este é o segundo princípio que se encontra exemplificado em Gálatas 2.

Paulo estava determinado a resistir a esses judaizantes. Ele estava até mesmo, conforme veremos no parágrafo seguinte (versículos 11-14), disposto a se opor a Pedro quando o comportamento deste contradisse o evangelho.

Paulo era muito brando com os irmãos "fracos". Ele estava pronto a fazer concessões diplomáticas, como quando mais tarde circuncidou Timóteo.

Mas quanto a questões de princípios, quando a verdade do evangelho estava em jogo, ele permanecia firme e não arredava pé.

Esta combinação de brandura e força está bem clara nas palavras de Lutero:

"Que esta seja então a conclusão de tudo: que nós podemos sofrer a perda de nossos bens, nossa reputação, nossa vida e tudo o que temos; mas o Evangelho, a nossa fé e Jesus Cristo, jamais permitiremos que nos sejam arrebatados. E maldita seja aquela humildade que avilta e se submete nessas questões. E que todo cristão seja orgulhoso, não condescendendo quando se tratar de negar a Cristo. Portanto, se Deus me ajudar, a minha cabeça será mais dura que a cabeça de todos os outros homens. Neste ponto eu assumo o título de cabeça dura e não cedo a ninguém. Sim, eu me alegro, de todo o meu coração, em me mostrar neste ponto rebelde e obstinado.

E aqui eu confesso que serei sempre intrépido e inflexível, a ninguém cederei sequer uma polegada. O amor cede, pois ele 'tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta' (1 Co 13:7), mas a fé não cede... Agora, no que se refere à fé devemos ser invencíveis, e, se possível, mais duros do que o diamante; mas no tocante ao amor, devemos ser meigos e mais flexíveis do que a cana ou a folha que é sacudida pelo vento, prontos a nos submeter a tudo."

Gálatas 2:11-16

Paulo discorda de Pedro em Antioquia

Quando, porém, Cefas veio a Antioquia, resisti-lhe face a face, porque se tornara repreensível. Com efeito, antes de chegarem alguns da parte de Tiago, comia com os gentios; quando, porém, chegaram, afastou-se e, por fim, veio a apartar-se, temendo os da circuncisão. E também os demais judeus dissimularam com ele, a ponto de o próprio Barnabé ter-se deixado levar pela dissimulação deles. Quando, porém, vi que não procediam corretamente segundo a verdade do evangelho, disse a Cefas, na presença de todos: se, sendo tu judeu, vives como gentio e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus? Nós, judeus por natureza e não pecadores dentre os gentios, sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado.

Este é sem dúvida um dos episódios mais tensos e dramáticos do Novo Testamento. Temos aqui dois líderes apostólicos de Jesus Cristo, face a face em um conflito.

O cenário passou de Jerusalém, a capital do Judaísmo, onde tudo estava correto, para Antioquia, a principal cidade da Síria, até mesmo da Ásia, onde a missão gentia começou e onde os discípulos foram pela primeira vez chamados "cristãos". Quando Paulo visitou Jerusalém, Pedro (junto com Tiago e João) estendeu-lhe a destra da comunhão (versículos 1-10).

Quando Pedro visitou Antioquia, Paulo se lhe opôs face a face (versículos 11-16). Tanto Paulo como Pedro eram cristãos, homens de Deus, que sabiam o que era ser perdoado através de Cristo e que haviam recebido o Espírito Santo.

Além disso, ambos eram apóstolos de Jesus Cristo, especialmente chamados, comissionados e investidos com a sua autoridade.

Ambos eram respeitados nas igrejas por sua liderança. Ambos haviam sido poderosamente usados por Deus. Na verdade, o livro de Atos está virtualmente dividido no meio pelos dois, a primeira parte contando a história de Pedro e a segunda parte, a história de Paulo.

Mas aqui encontramos o apóstolo Paulo resistindo face a face ao apóstolo Pedro, contradizendo-o, repreendendo-o, condenando-o, porque este havia se afastado e se separado dos crentes cristãos gentios e não comia mais com eles.

Não que Pedro negasse o evangelho em sua doutrina, pois Paulo se esmera em demonstrar que ele e os apóstolos de Jerusalém estavam unidos quanto ao evangelho (versículos 1-10), e ele repete este fato aqui (versículos 15-16).

A ofensa de Pedro contra o evangelho foi na sua conduta, pois a sua conduta estava em contradição com a verdade do evangelho.

Convém investigarmos esta situação, e particularmente importante notar o que cada apóstolo fez, por que o fez e com que resultado.

Vamos começar com Pedro.

1. A Conduta de Pedro (vs. 11-13)

a. O que ele fez

Quando Pedro chegou a Antioquia, ele comia regularmente com os cristãos gentios. Seus antigos escrúpulos judaicos haviam sido vencidos.

Ele não se considerava de forma alguma desonrado ou contaminado pelo contato com os cristãos gentios incircuncisos, como antigamente.

Em vez disso, ele os convidava para comer com ele, e comia com eles.

Pedro, que era um cristão judeu, desfrutava a fraternidade dos crentes de Antioquia, que eram cristãos gentios.

Isto provavelmente significa que faziam refeições comuns juntos, embora, sem dúvida alguma, participassem também da Ceia do Senhor.

Então, um dia, chegou a Antioquia um grupo de Jerusalém. Eram todos crentes cristãos professos, mas eram de origem judaica, fariseus na verdade (Atos 15:5) e vinham "da parte de Tiago", o líder da igreja de Jerusalém.

Isto não significa que tivessem a sua autoridade, pois ele mais tarde negou isso (Atos 15:24). Ao chegarem à Antioquia começaram a pregar: "Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos" (Atos 15:1).

Evidentemente foram até mais longe do que isso, ensinando que era impróprio que crentes judeus circuncidados participassem da mesma mesa com os crentes gentios incircuncisos, ainda que estes últimos cressem em Jesus e fossem batizados.

Na sua política perniciosa, esses mestres judaizantes ganharam um notável convertido na pessoa do apóstolo Pedro. Pois este, que anteriormente comia com estes cristãos gentios, agora se afastou e se separou deles.

Parece que ele o fez por vergonha.

b. Por que ele o fez

Por que Pedro criou esta brecha desastrosa na comunhão da igreja de Antioquia? Já vimos a causa imediata, mas por que ele se deixou influenciar?

Devemos supor que eles o convenceram de que estivera agindo de maneira errada ao comer com os cristãos gentios? Não pode ser.

Lembremos que havia pouco tempo, conforme registrado em Atos 10 e 11, Pedro recebera uma revelação direta e especial de Deus exatamente sobre este assunto. Ele estava no terraço de uma casa em Jope...

... Pedro concordou que deviam receber o batismo cristão e que deviam ser recebidos na igreja cristã.

Devemos agora supor que Pedro tenha se esquecido da visão que teve em Jope e da conversão da casa de Cornélio?

Ou que tenha traído a revelação que Deus lhe dera? Certamente não.

Não há em Gl 2 indicação alguma de que Pedro houvesse mudado de opinião.

Por que então ele se afastou da comunhão com os crentes gentios em Antioquia?

Seu afastamento da mesa dos crentes gentios não foi incitado por algum princípio teológico, mas por medo covarde de um pequeno grupo.

Na verdade, Pedro fez em Antioquia exatamente o que Paulo se recusou a fazer em Jerusalém, isto é, ceder diante da pressão. O mesmo Pedro que negou o seu Senhor com medo de uma criada, negou-o agora com medo do partido da circuncisão. Ele continuava crendo no evangelho, mas falhou na sua prática. Sua conduta "não se ajustou" com o evangelho.

Ele virtualmente contradisse o evangelho com sua atitude, porque lhe faltou coragem nas convicções.

c. As consequências

Os demais judeus dissimularam com ele, a ponto de o próprio Barnabé ter-se deixado levar pela dissimulação deles (versículos 13).

Até Barnabé, o amigo de confiança de Paulo e seu colega missionário, que permanecera firme ao seu lado em Jerusalém, agora, em Antioquia, cedeu.

Isto é importante.

Se Paulo não tivesse se colocado contra Pedro naquele dia, toda a igreja cristã teria derivado para uma água parada, ou então haveria uma permanente rixa entre o Cristianismo gentio e o judeu. A notável coragem de Paulo naquela ocasião, resistindo a Pedro, preservou a verdade do evangelho e a fraternidade internacional da igreja. Agora vamos deixar Pedro de lado e vamos nos voltar para Paulo.

2. A Conduta de Paulo (vs. 14-16)

a. O que ele fez

O versículo 11 diz que Paulo "resistiu" ou "enfrentou" a Pedro face a face.

A razão da atitude drástica de Paulo foi que Pedro "se tornara repreensível", isto é, ele estava inteiramente errado.

Além disso, Paulo repreendeu Pedro "na presença de todos" (versículo 14), franca e publicamente.

Paulo não hesitou, nem mesmo por deferência ao que Pedro era.

Ele reconhecia que este era um apóstolo de Jesus Cristo, que realmente fora designado como apóstolo antes dele (1:17). Sabia que Pedro era umas das "colunas" da igreja (versículo 9), a quem Deus confiara o evangelho para os circuncidados (versículo 7). Paulo não negou nem se esqueceu destes fatos.

Não obstante, isto não o impediu de contradizer e se opor a Pedro.

Nem o intimidou de fazê-lo publicamente. Ele não deu ouvidos àqueles que talvez o aconselhassem a ser cauteloso, evitando lavar roupa suja teológica em público.

Ele não tentou ocultar a desavença ou marcar (como nós faríamos) uma entrevista particular da qual o público ou a imprensa ficasse excluído.

Foi exatamente o tipo de colisão frontal que a igreja tentaria evitar a qualquer preço nos dias de hoje.

b. Por que ele o fez

Por que Paulo se atreveu a contradizer um companheiro seu, apóstolo de Jesus Cristo, e isto publicamente? Seria porque tinha um temperamento irascível e não podia controlar o gênio ou a língua? Seria ele um exibicionista, que gostava de discutir? Será que considerava Pedro como um perigoso rival, de modo que agarrou aquela oportunidade para rebaixá-lo? Não.

Nenhum desses sentimentos desprezíveis motivaram a Paulo.

Por que então ele agiu desse modo? A resposta é simples. Paulo agiu assim porque estava profundamente preocupado exatamente com o princípio que Pedro parecia ignorar. Ele sabia que o princípio teológico que estava em jogo não era um assunto sem importância. Que princípio teológico era esse que estava em jogo?

A verdade do evangelho.

No começo da epístola ele pronunciou um terrível anátema contra aqueles que o distorciam (1:8,9). Em Jerusalém ele se recusou a submeter-se aos judaizantes por um momento que fosse, "para que a verdade do evangelho permanecesse" (2:5). E agora em Antioquia, movido por essa mesma veemente lealdade para com o evangelho, ele enfrenta Pedro face a face porque o comportamento deste contradizia tal verdade.

c. As consequências

Nesta passagem não somos informados explicitamente do que resultou a atitude de Paulo, mas a perspectiva da história mais adiante nos diz.

Este incidente em Antioquia precipitou o futuro Concílio de Jerusalém, descrito em Atos 15. É possível que Paulo estivesse já a caminho de Jerusalém para assistir ao Concílio quando escreveu esta epístola.

Sabemos de Atos 15:1-2 que as dissensões provocadas pelos judaizantes em Antioquia foram a causa imediata do Concílio. Paulo, Barnabé e alguns outros foram designados pela igreja para irem a Jerusalém, falar com os apóstolos e os anciãos acerca desta questão. Também sabemos qual foi a decisão que o Concílio de Jerusalém tomou, isto é, que a circuncisão não devia ser exigida dos crentes gentios. E, assim, parcialmente como resultado da posição de Paulo contra Pedro em Antioquia naquele dia, o evangelho obteve uma grande vitória.

Conclusão

O que podemos aprender hoje desta desavença entre Paulo e Pedro em Antioquia? Será que não passou de uma indigna e indecorosa colisão de personalidades, sem qualquer significado duradouro?

Pelo contrário, a controvérsia entre Paulo e Pedro tem se repetido em debates eclesiais contemporâneos, especialmente no que se refere à comunhão internacional. O cenário é diferente. Não é mais a Síria nem a Palestina, mas outras partes do mundo, sem excluir o Brasil. Os participantes também são diferentes. Eles não são apóstolos do primeiro século, mas gente da igreja do século XX.

O campo de batalha também é diferente, pois já não é mais a questão da circuncisão mosaica, mas assuntos secundários tais como a confirmação, a forma de batismo ou o ministério da igreja.

Mas a questão fundamental em jogo é exatamente a mesma, isto é: em que base os crentes cristãos podem desfrutar a comunhão uns com os outros ou afastar-se uns dos outros? A resposta a estas perguntas encontra-se no evangelho. O evangelho é a boa nova da justificação dos pecadores pela graça de Deus. Ele nos diz que a aceitação do pecador diante de Deus é somente pela fé, totalmente à parte das obras. Esta é a verdade do evangelho. Uma vez que a assimilamos claramente, ficamos em posição de entender nosso duplo dever para com ela.

a. Devemos andar corretamente, de acordo com o evangelho

Não basta que creiamos no evangelho (Pedro cria, versículo 16), nem mesmo que lutemos por preservá-lo, como Paulo e os apóstolos de Jerusalém fizeram, e os judaizantes não. Temos que ir ainda mais adiante.

Temos de aplicá-lo; foi o que Pedro deixou de fazer. Ele sabia perfeitamente bem que a fé em Jesus é a condição única para que Deus tenha comunhão com os pecadores; mas ele acrescentou a circuncisão como condição extra para que ele tivesse comunhão com eles, contrariando assim o evangelho.

Hoje em dia diversos grupos cristãos e pessoas repetem o mesmo erro de Pedro. Recusam-se a ter comunhão com outros crentes cristãos professos a não ser que estes sejam totalmente imersos na água, por exemplo.

Tudo isto é uma séria afronta ao evangelho. A justificação é só pela fé; não temos o direito de acrescentar uma forma particular de batismo, de confirmação ou alguma condição denominacional, racial ou social.

Deus não insiste nessas coisas para nos aceitar em sua comunhão; por isso não devemos insistir nelas também.

A única barreira para termos comunhão com Deus, e conseqüentemente uns com os outros, é a incredulidade, a falta da fé salvadora em Jesus Cristo.

b. Devemos nos opor àqueles que negam o evangelho

Quando o problema existente entre nós for trivial, devemos ser o mais flexível possível. Mas quando a verdade do evangelho estiver em jogo, devemos permanecer firmes. Graças a Deus por Paulo que enfrentou Pedro face a face, por Lutero que se atreveu a desafiar até mesmo o papado.

Onde estão as pessoas como essas nos dias de hoje?

Não devemos ser levados à submissão por causa do medo.

3. Justificação apenas pela fé (vs. 15-21)

Nestes versículos aparece uma importante palavra pela primeira vez em Gálatas. Ela é central na mensagem da Epístola, central no evangelho pregado por Paulo e realmente essencial ao próprio Cristianismo. Ninguém pode jamais entender o Cristianismo sem entender esta palavra. É a palavra "justificado".

O verbo aparece três vezes no capítulo 16 e uma vez no versículo 17, enquanto que o substantivo "justificação" ou "justiça" aparece no versículo 21.

Neste parágrafo, então, Paulo desvenda a grande doutrina da justificação pela fé.

É a boa nova de que homens e mulheres pecadores podem ser aceitos por Deus, não por causa de suas obras, mas através de um simples ato de confiança em Jesus Cristo. Sobre esta doutrina

Martinho Lutero escreve: "Esta é a verdade do evangelho. É também o artigo principal de toda a doutrina cristã, em que consiste o conhecimento de toda a piedade. Portanto, é mais do que necessário que conheçamos bem este artigo, que o ensinemos aos outros e que o martelemos em suas mentes."

Em outras passagens Lutero se refere a ele como o "principal", "o mais importante" e "o artigo mais especial da doutrina cristã", pois é a doutrina "que realmente transforma as pessoas em cristãos".

Ele acrescenta: "Se o artigo da justificação for alguma vez perdido, então toda a verdadeira doutrina ficará perdida".

Se a doutrina da justificação é essencial na religião cristã, é de vital importância que a entendamos. O que ela significa?

"Justificação" é um termo legal que foi tomado emprestado aos tribunais.

É exatamente o oposto exato de "condenação". "Condenar" é declarar uma pessoa culpada; "justificar" é declará-la sem culpa, inocente ou justa.

Na Bíblia, refere-se ao ato imerecido do favor de Deus através do qual ele coloca diante de si o pecador, não apenas perdoadando-o ou isentando-o da culpa, mas também aceitando-o e tratando-o como justo.

Paulo está escrevendo sobre uma necessidade humana universal, tão urgente hoje como o foi 2.000 anos atrás.

Pelo menos duas coisas básicas nós sabemos com certeza.

A primeira é que Deus é justo; a segunda é que nós não o somos.

E estes dois fatos, colocados juntos, explicam a nossa difícil situação, que a nossa consciência e experiência já nos fizeram sentir, isto é, que algo está errado entre nós e Deus.

Em vez de harmonia há atrito. Estamos sob juízo, sob justa sentença de Deus.

II Coríntios 6:14

Sendo assim, a questão mais urgente que enfrentamos é a mesma que Bildade, o suíta, apresentou séculos atrás: **Jó 25:4**

Ou, como Paulo o colocou; "Como pode um pecador condenado ser justificado?"

A sua resposta a estas perguntas cruciais encontra-se neste parágrafo.

Primeiro, ele expõe a doutrina da justificação mediante a fé (versículos 15 e 16). Depois ele argumenta (versículos 17-21), examinando a objeção mais comum e demonstrando a total impossibilidade de qualquer outra alternativa.

1. Exposição (vs. 15, 16)

Sua exposição assume a forma de um contraste entre a doutrina dos judaizantes, da justificação pelas obras da lei, e a doutrina dos apóstolos, da justificação mediante a fé. Ele repudia a primeira e dá força à última.

a. Justificação pelas obras da lei

Por "lei" entende-se a soma total dos mandamentos de Deus, e por "obras da lei" os atos praticados em obediência a ela. Os judeus supunham que podiam ser justificados desse modo, como também os judaizantes, que professavam ter fé em Jesus, mas queriam que todos seguissem igualmente a Moisés.

Sua posição era esta: "A única maneira de ser justificado é através de trabalho duro. É preciso lutar. A 'obra' são as 'obras da lei'. Ou seja, é preciso fazer tudo o que a lei ordena e evitar tudo o que a lei proíbe." Os judeus e os judaizantes continuavam, dizendo; "Isto significa que é preciso guardar especialmente os Dez Mandamentos. E preciso amar e servir ao Deus vivo, e não ter outros deuses ou substitutos. É preciso reverenciar o seu nome e o seu dia, e honrar os pais. E preciso evitar o adultério, o homicídio e o roubo. Nunca devemos dar falso testemunho contra o nosso próximo nem cobiçar alguma coisa que lhe pertença." Mas não era só isso. "Além da lei moral, temos a lei cerimonial, à qual é preciso obedecer. É preciso levar a religião a sério, examinando as Escrituras em particular e frequentando os cultos públicos. É preciso jejuar, orar e dar esmolas. 22q311E, se se fizer tudo isso, sem falhar em nada, ter-se-á alcançado o sucesso e a aceitação de Deus sendo então justificado 'pelas obras da lei'."

Esta era a posição do judeu e do judaizante. Paulo os descreve como "procurando estabelecer a sua própria (justiça)" (**Rm 10:3**). Esta tem sido a religião do povo comum, antes e depois deles. É a religião que se encontra nas ruas, hoje. De fato, é o princípio fundamental de cada sistema religioso e moral no mundo, exceto o Cristianismo do Novo Testamento.

É um princípio popular porque é lisonjeiro, Ele diz ao homem que, se ele tão somente conseguir melhorar um pouco o seu comportamento e se ele se esforçar um pouquinho mais, conseguirá obter a sua própria salvação.

Mas isso tudo é uma ilusão terrível. É a maior mentira do maior mentiroso do mundo, o diabo, o qual Jesus chamou de "pai da mentira" (**Jo 8:44**). Nunca alguém foi justificado pelas obras da lei, simplesmente porque ninguém jamais conseguiu obedecer à lei de maneira perfeita. Uma obediência restrita às exigências das obras da lei é uma coisa além do nosso alcance.

Podemos guardar algumas das exigências da lei externamente, mas nenhum homem, exceto Jesus Cristo, jamais as cumpriu todas.

Na verdade, se examinarmos as nossas motivações, descobriremos que já transgredimos todas as leis de Deus, pois Jesus disse que pensamentos homicidas, nos transformam em homicidas e que pensamentos adúlteros nos transformam em adúlteros. Por isso as Escrituras nos dizem: "o homem não é justificado por obras da lei" (versículo 16, aludindo ao Sl 143:2). O que nos surpreende é que alguém possa imaginar que possa aproximar-se de Deus e chegar ao céu dessa maneira.

b. Justificação pela fé

A segunda alternativa Paulo chama de "pela fé em Jesus Cristo".

Jesus Cristo veio ao mundo para viver e morrer.

- Na Sua vida, a Sua obediência à lei foi perfeita.
- Na Sua morte Ele sofreu pela nossa desobediência.
- Na terra Ele viveu a única vida de obediência imaculada para com a lei que já foi vivida.
- Na cruz Ele morreu porque nós transgredimos a lei, uma vez que a penalidade para a desobediência à lei era a morte.

Portanto, tudo de que precisamos para ser justificados é reconhecer o nosso pecado e a nossa incapacidade, arrepender-nos dos nossos atos de auto-afirmação e justiça própria, e colocar toda a nossa confiança em Jesus Cristo para nos salvar.

Assim, a "fé em Jesus Cristo" não é apenas uma convicção intelectual, mas um compromisso pessoal. A expressão que aparece no meio do versículo 16 é (literalmente) "nós temos crido em Cristo Jesus".

É um ato de entrega, não apenas de aceitação do fato de Jesus ter vivido e morrido, mas de correr a Ele em busca de refúgio e de clamar a Ele por misericórdia.

Estes são, portanto, teoricamente os dois meios alternativos de justificação: "pelas obras da lei" ou "por meio da fé em Jesus Cristo".

E três vezes seguidas Paulo nos diz que o meio de Deus é o segundo, e não o primeiro. Sua enfática declaração no versículo 16 tem a intenção de não nos deixar dúvidas quanto a este assunto e (como Lutero costumava dizer) "martelar em nossas mentes". Não que a repetição seja exata e monótona, entretanto, pois há uma escala ascendente de ênfase: primeiro geral, depois pessoal e, finalmente, universal.

A primeira declaração é geral (versículo 16a). Sabemos "que o homem não é justificado por obras da lei, e, sim, mediante a fé em Cristo Jesus". Paulo não tem em mente ninguém em especial: ele é deliberadamente vago. Apenas "o homem", qualquer homem, qualquer mulher.

Depois ele diz: "sabendo". Não apresenta uma opinião experimental, mas uma afirmação dogmática. Após gastar grande parte dos

dois primeiros capítulos da epístola defendendo a sua autoridade apostólica, agora ele coloca todo o peso de sua autoridade nesta declaração.

Ele já teve a coragem de declarar que o seu evangelho "não é segundo o homem" (1:11). Sendo assim, sua exposição do evangelho no versículo 16 não é segundo o homem, mas vem de Deus. Além disso, o plural "nós... sabendo" significa, no contexto, que ambos os apóstolos, Pedro e Paulo, sabiam que estavam unidos em sua convicção acerca da natureza do evangelho.

A segunda declaração é pessoal (versículo 16b). Não apenas "sabendo", mas "também nós temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo". Isto é, nossa certeza acerca do evangelho é mais do que intelectual; nós o testamos pessoalmente em nossa própria experiência. É um acréscimo importante e mostra que Paulo está propondo uma doutrina que ele mesmo já pôs aprova. "Sabendo," diz ele, "nós temos crido em Cristo Jesus", a fim de prová-lo.

A terceira declaração é universal (versículo 16c). O princípio teológico e a experiência pessoal estão agora confirmados pelas Escrituras.

O apóstolo cita a declaração categórica do Salmo 143:2 (como ele faz novamente em Rm 3:20): "pois por obras da lei ninguém será justificado".

A expressão grega é ainda mais forte do que em português.

Kefer-se a "toda a carne", a humanidade sem exceção. Seja qual for a nossa educação religiosa, antecedentes educacionais, status social ou origem racial, o caminho da salvação é o mesmo. Ninguém pode ser justificado por obras da lei; toda a carne tem de ser justificada através da fé em Cristo.

Difícilmente se encontraria uma declaração mais forte do que essa Huanto à doutrina da justificação. Nela insistem os dois apóstolos liderantes ("Nós... sabendo"), confirmando-a com a sua própria experiência ("também nós temos crido"); e ela é endossada pelas sagradas escrituras do Antigo Testamento ("por obras da lei ninguém será justificado"). Com esta garantia tripla deveríamos aceitar a doutrina bíblica da justificação, não permitindo que a nossa justiça própria natural nos afaste da fé em Cristo.

2. Argumentação (vs. 17-21)

Mesmo sendo tão simples e pungente, a exposição de Paulo foi posta em dúvida no seu tempo, e o continua sendo nos dias de hoje. Por isso, nestes versículos ele volta da exposição à argumentação, apresentando-nos o argumento que os críticos usaram para tentar derrubar a sua doutrina e o argumento que ele próprio usou para derrubar a dou-

trina deles e estabelecer a sua. Vejamos como isso aconteceu.

a. O argumento dos críticos contra Paulo (vs. 17-20)

Versículos 17 e 18: Mas se, procurando ser justificados em Cristo, fomos nós mesmos também achados pecadores, dar-se-á o caso de ser Cristo ministro do pecado? Certo que não. Porque, se torno a edificar aquilo que destruí, a mim mesmo me constituo transgressor. Estes versículos não são fáceis de interpretar e têm sido entendidos de diferentes formas. Das duas principais interpretações, escolhi aquela que parece mais coerente com a Epístola aos Romanos.

Os críticos de Paulo argumentavam desta maneira: "A sua doutrina da justificação através da fé em Cristo somente, à parte das obras da lei, é uma doutrina altamente perigosa. Fatalmente enfraquece o senso de responsabilidade moral do homem. Ao afirmar que ele pode ser aceito confiando em Cristo, sem qualquer necessidade de boas obras, você o está encorajando a transgredir a lei, que é a vil heresia do 'antinomianismo'."

As pessoas hoje continuam argumentando dessa forma:

"Se Deus justifica pessoas más, de que vale ser bom? Neste caso, não podemos viver à vontade, fazendo o que bem nos aprouver?"

A primeira resposta de Paulo aos seus críticos é uma negativa fortemente indignada: "Certo que não" (versículo 17), ele diz. Ele nega especialmente a alegação anexa, de que era culpado de tornar Cristo o autor dos pecados dos homens. Pelo contrário, prossegue, "a mim mesmo me constituo transgressor" (versículo 18). Em outras palavras, "se depois da minha justificação continuo pecando, a falta é minha e não de Cristo. Eu sou o único culpado; ninguém pode culpar a Cristo."

Depois Paulo prossegue refutando os argumentos dos seus críticos.

Eles dizem que a justificação pela fé encoraja a perseverança no pecado, o que é ridículo. Eles entenderam mal e grosseiramente o evangelho da justificação. A justificação não é uma ficção legal, na qual o status do homem é mudado, enquanto o seu caráter permanece imutável.

Versículos 17: Somos "justificados em Cristo". Isto é, nossa justificação acontece quando somos ligados a Cristo pela fé. E uma pessoa que foi unida a Cristo nunca mais será a mesma pessoa. Ela é transformada. Não é apenas a sua posição diante de Deus que é transformada; a pessoa é que é radical e permanentemente transformada. Falar de voltar para a sua vida antiga, e de pecar à vontade, é francamente impossível. Ela se tornou uma nova criatura e começou uma vida nova.

Agora Paulo passa a apresentar esta espantosa mudança que acontece com a pessoa que é justificada em Cristo. Ele a descreve em ter-

GALATAS 2:15-2!

mos de morte e ressurreição. Duas vezes no versículo 19 e 20 ele fala dessa morte e dessa volta à vida. As duas coisas acontecem por meio da união com Cristo. É a morte e a ressurreição de Cristo que nós compartilhamos.

Versículos 19: Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei (a exigência da morte da lei foi satisfeita na morte de Cristo), a fim de viver para Deus. Versículo 20: Estou crucificado com Cristo (isto é, estou unido a Cristo em sua morte por causa do pecado; meu passado pecador foi riscado); logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim. Talvez agora esteja se tornando mais claro por que um cristão que foi "justificado em Cristo" não tem liberdade para pecar. Em Cristo "as coisas antigas já passaram" e "eis que se fizeram novas" (2 Co 5:17), Isso porque a morte e a ressurreição de Cristo não são apenas acontecimentos históricos (ele "a si mesmo se entregou" e agora "vive"), mas acontecimentos dos quais, por meio da união da fé com ele, o seu povo veio a participar ("Estou crucificado com Cristo" e agora eu "vivo"). Quando nos unimos a Cristo em sua morte nossa vida antiga acaba; é ridículo sugerir que podemos retornar a ela. Além disso, ressuscitamos para uma nova vida. Num certo sentido, vivemos esta nova vida por meio da fé em Cristo. Em um outro sentido, não somos nós que vivemos, mas Cristo vive em nós. E, vivendo em nós, ele nos dá novos desejos quanto a santidade, Deus e o céu. Não é que não possamos pecar novamente; podemos, sim. Mas não queremos. Todo o conteúdo de nossa vida mudou. Agora tudo se tornou diferente, porque nós mesmos somos diferentes. Veja como Paulo torna tudo isso audaciosamente pessoal: Cristo "a si mesmo se entregou por mim". "Cristo vive em mim". Nenhum cristão que tenha assimilado essas verdades poderia jamais contemplar seriamente a possibilidade de retornar à vida antiga.

/;. A argumentação de Paulo contra os seus críticos (v. 21)

Já vimos como Paulo reage à tentativa dos críticos de derrubar a sua doutrina; agora consideremos como ele pretende derrubar a doutrina deles. Versículo 21: Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão. Convém sentirmos a força deste argumento. Os dois alicerces da religião cristã são a graça de Deus e a morte de Cristo. O evangelho cristão é o evangelho da graça de Deus. A fé cristã é a fé do Cristo crucificado. Assim, se alguém insiste em que a justificação é pelas obras e que se pode alcançar a salvação por esforço próprio está solapando os fundamentos da reli-

JUSTIFICAÇÃO APENAS PELA FÉ

gião cristã. Está anulando a graça de Deus (porque, se a salvação é pelas obras, então não é pela graça) e tornando supérflua a morte de Cristo (porque, se a salvação é obra nossa, então a obra de Cristo é desnecessária).

Mas há muita gente que, assim como os judaizantes, comete exatamente estes erros, tentando recomendar-se a Deus através das próprias obras. Mas isso não é uma coisa nobre; é, outrossim, terrivelmente ignóbil, pois, na verdade, é o mesmo que negar a natureza de Deus e a missão de Cristo. É recusar a graça de Deus. É dizer a Cristo que ele não devia ter-se dado ao trabalho de morrer, pois, se nós somos donos de nosso próprio destino e podemos nos salvar a nós mesmos, tanto a graça de Deus como a morte de Cristo tornam-se redundantes.

Conclusão

Parece que há quatro verdades cristãs que se destacam neste parágrafo. A primeira é que a maior necessidade do homem é a justificação, ou aceitação de Deus. Comparadas a esta, todas as outras necessidades humanas perdem qualquer significado. Como podemos acertar nossa vida com Deus, para que o nosso tempo e a eternidade sejam passados desfrutando o seu favor e no seu serviço?

Segunda, a justificação não é pelas obras da lei, mas pela fé em Cristo. Lutero o expressou de maneira sucinta: "Eu devo dai ouvidos ao Evangelho, que me ensina não o que eu devo fazer (pois este é o trabalho da Lei), mas o que Jesus Cristo, o Filho de Deus, fez por mim: a saber, que ele sofreu e morreu a fim de me livrar do pecado e da morte."¹

A terceira verdade é que não confiar em Jesus Cristo por causa da confiança em si mesmo é um insulto à graça de Deus e à cruz de Cristo, pois é dizer que são desnecessárias.

E, por último, confiar em Jesus Cristo, sendo assim unido a ele, é começar uma vida totalmente nova. Se nós estamos "em Cristo", estamos mais do que justificados; descobrimos que já morremos e ressuscitamos com ele. Por isso podemos dizer com Paulo: Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora lenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim (versículos 19b, 20).